



FACULDADE TRÊS MARIAS
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM GESTÃO, COORDENAÇÃO E
SUPERVISÃO ESCOLAR

WILLIAN DA SILVA TARGINO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA
ESCOLA REGULAR**

JOÃO PESSOA – PB 2018



FACULDADE
TRÊSMARIAS

FACULDADE TRÊS MARIAS
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM GESTÃO, CORDENAÇÃO E
SUPERVISÃO ESCOLAR

WILLIAN DA SILVA TARGINO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA
ESCOLA REGULAR**

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Pós-graduação lato sensu em Gestão, Supervisão e Coordenação da FACULDADE TRÊS MARIAS, orientadora, Prof^ª Gabriela Gadelha.

JOÃO PESSOA– PB 2018

FACULDADE TRÊS MARIAS COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos _____ dias do mês de _____ de _____, às _____ horas,
na sala número _____ da FACULDADE TRÊS MARIAS, na presença da banca
examinadora, _____ presidida pelo (a) professor (a)
_____ e composta pelos seguintes
membros:

1) _____ e

2) _____, o(a)

aluno(a) _____ apresentou o Trabalho
de Conclusão do Curso de Pós-graduação lato sensu em
_____ como elemento curricular

indispensável para conclusão do curso. Após a apresentação do trabalho e as considerações da
Banca Examinadora, os membros se reuniram em sessão reservada e decidiram pelo
resultado _____ mediante obtenção de nota _____

(_____), ora formalmente divulgado ao(à) aluno(a) e aos demais participantes,

e eu professor(a) _____

_____ na qualidade de presidente da Banca
lavei presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pelo(a)
aluno(a)apresentador(a) do trabalho.

Assinaturas:

Presidente da Banca Examinadora

Membro da Banca

Membro da Banca

Aluno(a)

FACULDADE TRÊS MARIAS COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
FICHA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALUNO (A): _____

TÍTULO: _____

PROFESSOR (A), ORIENTADOR (A): _____

DATA: ____/____/____

ASPECTOS FORMAIS DO TEXTO ESCRITO

CRITÉRIOS	Relevância do tema (1,0)	Uso do referencial teórico (1,0)	Capacidade de análise e síntese (1,0)	Coerência e coesão textual (1,0)	Apresentação gráfica (1,0)
------------------	---------------------------------	---	--	---	-----------------------------------

PONTUAÇÃO					
------------------	--	--	--	--	--

APRESENTAÇÃO ORAL

CRITÉRIOS	Clareza nas expressões, postura e segurança. (2,0)	Articulação com o trabalho escrito (2,0)	Uso do recurso didático de apresentação. (1,0)
PONTUAÇÃO			

RESULTADO

CRITÉRIO	Aspectos formais do texto escrito	Apresentação oral	TOTAL
PONTUAÇÃO			

BANCA EXAMINADORA

Presidente da Banca Examinadora

Membro da Banca

Membro da Banca



Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações (...). Receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos.

Albert Einstein



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu essa oportunidade acadêmica, me deu animo e forças para prosseguir.

A minha filha eu mais que agradeço, pois ela é meu incentivo diário de me tornar melhor, eu sei que sou para ela inspiração e alguém a quem ela irá se espelhar em buscar de seu futuro, ao meu esposo que sempre me incentivou a buscar mais e mais conhecimento, aos meus pais e minha família no geral, que foi um incentivo em todos os momentos de minha vida acadêmica.

Com um carinho maior e especial, dedico este trabalho e toda minha vida acadêmica, a minha vó paterna, a minha amiga e colega de trabalho Hanna, que sempre me ajudou.

A esta instituição que me concedeu espaço e professores maravilhosos, a vocês, o meu muito obrigada.



SUMÁRIO

RESUMO.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO AUTISMO	13
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO	19
CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS	23

Educação Inclusiva: a inclusão da criança com autismo na escola regular

Willian da Silva Targino¹
willianstargino@gmail.com
Faculdade Três Marias

RESUMO: Este artigo tem como objetivo falar sobre o autismo/TEA e como ocorre a inclusão dessa criança no ensino regular. O autismo é um termo a pouco tempo conhecido, e há uma grande associação do autismo com a deficiência mental. O autismo é uma desordem que faz parte de um grupo de síndromes chamada Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), definido por alterações presentes antes dos três anos de idade, caracterizado por alterações na qualidade da interação social e na capacidade de comunicação. Demonstra a necessidade da mudança de postura dos profissionais de educação na organização do trabalho pedagógico em razão da especificidade dos alunos, bem como reafirmar que o atendimento educacional especial não substitui a escolarização, somente suplementa e/ ou complementa a formação dos alunos, objetivando a independência e autonomia dos mesmos.

PALAVRAS CHAVES: Autismo. Inclusão ensino regular. Espectro Autista. Educação.

ABSTRACT: This article aims to talk about autism / TEA and how it occurs the inclusion of this child in regular education. Autism is a little known term, and there is a great association of autism with mental deficiency. Autism is a disorder that is part of a group of syndromes called Global Developmental Disorder (PDD), defined by changes present before the age of three, characterized by changes in the quality of social interaction and in the ability to communicate. It demonstrates the need for a change in the attitude of educational professionals in the organization of pedagogical work due to the specificities of the students, as well as to reaffirm that special educational services do not replace schooling, only supplement and / or complement the students' education, aiming at independence and autonomy.

KEYWORDS: Autism. Inclusive autistic regular education. Education.

¹ Graduada em ciências biológicas pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, pós graduada em saúde pública pela Universidade Vale do Acaraú, cursando a pós em docência do curso Superior, Gestão Coordenação e supervisão escolar na Faculdade Três Marias.

1. INTRODUÇÃO

O autismo, conhecido cientificamente como Transtorno do Espectro Autista (TEA) é o principal motivo pelo qual a condição ainda sofre preconceitos e que faz com que pais de crianças diagnosticadas com autismo tenham receio pelos filhos, pois como vamos ler ao longo do trabalho, é um conjunto de fatores que foi conhecido como TEA, não apenas o autismo.

De acordo com o último Manual do ¹DSM-5, que é um guia de classificação diagnóstica, diversas condições foram fundidas e passaram a receber um único diagnóstico como Transtornos do Espectro Autista (TEA). Dessa forma, paciente com espectro autismo leve, TEA Asperger e outros transtornos passaram a integrar esse significado de TEA, que consiste em uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, durante ou logo após o nascimento.

Para entendermos melhor todo o contexto de inclusão no ensino regular no Brasil, vamos partir da realidade do nosso ensino regular (que inclui escola e sociedade), independente de pública ou privada.

Como educadores e pais, temos o hábito de ouvir e repetir diversas vezes que a educação do nosso país “não presta”, que os professores “empurram o ensino com a barriga”, que as escolas públicas só visam quantidades de alunos e não a qualidade, que na escola privada o ensino é melhor, que na privada meu filho (a) aprende e etc. muitas críticas mas nenhuma solução ou sugestão de melhorias. Como educador e em contato direto com as duas faces da moeda (público e privado), é possível analisar essas críticas de perto, isso quando partimos do olhar de observação, sendo imparcial. 1ª a educação parte de casa (família), nosso primeiro contato com o mundo, educação inicial, os primeiros saberes a família e sociedade quem constroem em nos; 2ª a escola tem o papel de complementar o que já adquirimos e adiciona mais saberes para nossa caminhada acadêmica; 3ª a escola, família e sociedade não formam o cidadão individualmente, é um trabalho em conjunto, a família é a base, a sociedade no geral ditam regras de convivência, moral e ética e a escola adiciona saberes acadêmicos de anos de construção.

Se uma dessas etapas falhar, falha também o processo de construção do cidadão, e é

¹DMC - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

exatamente isso que acontece, e por causa da falta de participação de um desses grupos ou todos que sentimos a diferença, mas não percebemos de onde vem porque muitas vezes fazemos parte dessa falha.

Como perceber? Analisando como está o funcionamento de cada grupo. 1ª como está a base familiar? Os pais ou responsáveis pela criança participam da sua construção acadêmica? Frequência na escola, visita dos pais, diálogo com o professor, cobrar e ajudar nas atividades classe e extraclasse, tudo isso influencia; 2ª a sociedade está exercendo seu papel de construção? Impondo limites, certo ou errado, ditando o que realmente prega as suas leis, ética e moral; 3ª a escola: alunos, pais, professor, supervisor, gestor, cada um está fazendo seu respectivo papel de aprender/trocar conhecimentos, auxiliar, fiscalizar e cobrar dos filhos, mediar conhecimentos/compartilhar saberes e buscar sempre mais, fiscalizar e auxiliar o educador, saber gerenciar toda essa peças fundamentais.

Como educador pude presenciar falhas em todas as etapas, e é isso que nos faz dizer muitas vezes que há diferença entre escola pública e privada. Os pais (boa parte) participam mais ativamente das reuniões, atividades e cobrança de resultados escolares dos filhos que estudam em rede privada, os mesmo alegam que estão pagando por isso querem bons resultados, e os alunos por sua vez se esforçam porque há auxílio e cobrança por parte dos pais, já na rede pública, é difícil ver os pais participando ativamente da vida acadêmica do filho, há sim, mas em quantidade bem menos em relação à privada, e por sua vez, os professores (esses que muitas vezes ensinam em ambas as redes de ensino), empenam-se mais em seu trabalho na rede privada porque há uma cobrança, tanto desses alunos que buscam aprender cada vez mais, quanto por parte da fiscalização desses pais atuantes, outra coisa que difere do público, onde há pouca participação dos pais, menos fiscalização e cobranças, e um dos importantes fatores é a falta de interesse desse aluno em aprender, pois não tem quem o incentive em casa, professores que trabalham em duas escolas para manter a renda familiar e alegam não ter tempo de se capacitar para atender melhor seus alunos, sabemos que há relatos maravilhosos de professores que driblaram as dificuldades, mas no modo geral essa é a realidade nas nossas escolas em especial nas escolas pequenas de bairro e do interior.

Com base nessa sondagem geral, como haver inclusão, uma verdadeira inclusão desse alunado com necessidades especiais? Não digo matriculá-lo, mas sim, envolver esse aluno nas atividades com os demais colegas, ter cuidadores capacitados, para ajudá-lo a desenvolver não igual aos colegas, mas junto com os eles. Para isso é necessário uma equipe pedagógica capacitada,

que tenha amor e estímulo pelo que faz, pois só um salário todo mês não é suficiente, trabalhar com crianças já no exige paciência e amor, com crianças especiais nos requer o dobro, para saber conversar, acalmar quando necessário e carinho.

2. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO AUTISMO

1908 – ²Eugen Bleuler, pela primeira vez usa o termo “autismo” para descrever um grupo de sintomas que relaciona à esquizofrenia. A palavra tem raízes no grego “autos” (eu/de si mesmo).

1943 – ³Leo Kanner, publicou a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”. Nela, descreveu casos de onze crianças que tinham em comum “um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação da mesmice, denominando-as autistas” e usou o termo “autismo infantil precoce”, pois sintomas já apareciam na primeira infância.

1944 – ⁴Hans Asperger, psiquiatra e pesquisador austríaco, que escreveu um artigo “A psicopatologia autista na infância” que um ano depois é publicado. Ele observou que o padrão de comportamento e habilidades que descreveu, ocorria preferencialmente em meninos, que essas crianças apresentavam deficiências sociais graves – falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, conversação unilateral. Apesar da aparente precocidade verbal de seus assuntos, Asperger chamava as crianças que estudou de pequenos professores, devido à habilidade de discorrer sobre um tema de maneira detalhada. Em virtude de suas publicações terem sido publicadas em alemão e seu principal trabalho ter sido publicado na época da guerra, seu relato recebeu reduzida atenção e só na década de 1980 seu nome foi reconhecido como um dos pioneiros no estudo do autismo, por isso a Síndrome de Asperger utiliza seu nome.

“O desempenho escolar das crianças com autismo depende muito do nível de acometimento do transtorno. As crianças com nível mais grave de autismo podem apresentar atraso mental e

²Eugen Bleuler, psiquiatra suíço usa pela primeira vez o termo autismo.

³psiquiatra austríaco, radicado nos Estados Unidos e diretor de psiquiatria infantil do Johns Hopkins Hospital.

⁴Hans Asperger, psiquiatra e pesquisador austríaco.

permanecer dependentes de ajuda. As crianças com autismo leve ou somente com traços autísticos, na maioria das vezes, acompanham muito bem as aulas e os conteúdos didático-pedagógicos”. (V.A. Ana Paula. Apud SILVA, 2012, p. 109)

1952 – ¹DSM – A Associação Americana de Psiquiatria publica a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais. Esse manual fornece uma nomenclatura e critérios padrão para o diagnóstico de transtorno mental. Nesta primeira edição, sintomas de autismo semelhantes eram classificados como um subgrupo da esquizofrenia infantil. Autismo não era considerado como um diagnóstico separado.

1950/1960 – Durante os anos 50, houve muita confusão sobre a natureza do autismo e sua etimologia, e a crença mais comum era de que o autismo era causado por pais não emocionalmente frios com seus filhos e atribuíam a causa à falta de calor maternal. Kanner cunhou o termo, mas foi o psicanalista Bruno Bettelheim que o popularizou. Após a 2ª Guerra Mundial, havia vários trabalhos psicanalíticos sobre autismo, onde pesquisadores analisavam apenas o impacto na vida das pessoas. No início dos anos 60, um crescente corpo de evidências começou a se acumular, sugerindo que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais investigados.

1965 – ⁵Temple Grandin, cria a “Máquina do Abraço”, um aparelho para lhe pressionar como se estivesse sendo abraçada e que a acalmava. Temple Grandin também ministra palestras pelo mundo todo, explicando a importância em ajudar as crianças com autismo a desenvolverem suas potencialidades.

1968 – ¹DSM publica a edição que refletia a predominância da psicodinâmica psiquiátrica. Sintomas não eram especificados com detalhes em determinadas desordens. Eram vistos como reflexos de grandes conflitos subjacentes ou reações de má adaptação aos problemas da vida, enraizados em uma distinção entre neurose e psicose.

1978 – ⁶Michael Rutter – Classifica o autismo e propõe sua definição com base em quatro critérios: 1) atraso e desvio sociais não só como deficiência intelectual; 2) problemas de comunicação; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; 4) início antes

⁵Temple Grandin, jovem americana que nasceu com autismo (Síndrome de Asperger)

⁶ Michael Rutter, psiquiatra Infantil no Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres, um dos pioneiros no estudo da resiliência no mundo.

dos 30 meses de idade. Ao classificar o autismo, Michael Rutter cria um marco divisor na compreensão desse transtorno mental.

1980 – ¹DSM-III, publica a definição de Rutter e a crescente produção de trabalhos sobre o autismo, influenciaram a definição desta condição no DSM-III, quando o autismo, pela primeira vez foi reconhecido e colocado em uma nova classe de transtornos: os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. Esse termo foi escolhido para refletir o fato de que múltiplas áreas de funcionamento do cérebro eram afetadas no autismo e nas condições a ele relacionadas. – ⁷CID-10, na época do DSM-III-R, o termo ⁸TID foi instaurado e utilizado também na décima revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10.

1981 – Lorna Wing, psiquiatra inglesa, desenvolve o conceito de autismo como um espectro de condições na década de 1970 e, posteriormente, cunhou o termo síndrome de Asperger, numa referência à pesquisa de Hans Asperger. Como pesquisadora e clínica, bem como mãe de uma criança com autismo, ela sempre defendeu uma melhor compreensão e serviços para pessoas com o Centro Lorna Wing e suas famílias, foi uma das maiores e mais importantes figuras do mundo do autismo e Fundou a National Autistic Society (NAS).

1988 – ⁹Ivar Lovaas, publica “um estudo pioneiro no qual demonstra como a intensidade da terapia comportamental pode ajudar crianças com autismo, dando uma nova esperança para os pais. Nesse estudo sobre análise do comportamento, 19 crianças entre 4 e 5 anos, diagnosticadas com autismo, foram submetidas a 40 horas de atendimento e intervenção precoce intensiva. Depois de dois anos, o Quociente de Inteligência (QI) dessas crianças havia aumentado 20 pontos em média. Crianças que não foram submetidas à terapia comportamental ¹⁰ABA, não apresentaram melhoras. O DSM substitui “autismo infantil” por uma definição mais ampla “Transtorno de Autismo”, e inclui uma lista de critérios diagnósticos. Durante os anos 1980 e 1990, o papel da terapia comportamental e uso de ambientes de aprendizagem altamente controlados emergiram como os principais tratamentos para muitas formas de autismo e condições relacionadas. Atualmente, os pilares da terapia do autismo são terapia comportamental e terapia fonoaudiológica.

1988 – Rain Man torna-se um dos primeiros filmes comerciais a caracterizar um personagem com autismo. Embora o filme tenha sido fundamental para aumentar a conscientização e sensibilizar a

⁷CID- Controle Internacional de Doenças.

⁸TID – Transtorno Desintegrativo da Infância

⁹Ivar Lovaas, psicólogo da Universidade da Califórnia Los Angeles – UCLA

opinião pública sobre o transtorno, também contribuiu para o equívoco de que todas as pessoas com autismo tenham certas habilidades.

1994 – DSM-IV, determina novos critérios potenciais para o autismo, bem como as várias condições candidatas a serem incluídas na categoria ¹¹TID, foram avaliados em um estudo internacional, multicêntrico, que incluiu mais de mil casos avaliados por mais de 100 avaliadores clínicos. Os sistemas de avaliação tornaram-se equivalentes para evitar uma possível confusão entre pesquisadores e clínicos, que trabalhavam em diferentes partes do mundo guiados por um ou por outro sistema nosológico. A definição dos critérios foi decidida com base em dados empíricos revelados em trabalhos de campo. A Síndrome de Asperger é adicionada ao DSM, ampliando o espectro do autismo, que passa a incluir casos mais leves, em que os indivíduos tendem a ser mais funcionais.

1998 - A revista Lancet publicou um artigo do cientista inglês Andrew Wakefield, no qual ele afirmava que algumas vacinas, entre elas a tríplice (mmr – sarampo, catapora e rubéola), poderiam causar autismo. Esses estudos foram totalmente desacreditados por outros cientistas e descartados. Em maio de 2014, o cientista perdeu seu registro de médico. A revista Lancet também se retratou e retirou o estudo de seus arquivos pela falta de comprovação dos resultados sugeridos pelo cientista.

2007 - Para chamar a atenção para esse transtorno e despertar o interesse da sociedade, em a ONU institui o dia 2 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, com o objetivo de conscientizar a sociedade a refletir sobre o autismo e a necessidade de se pesquisar a respeito e procurar meios de ajudar no desenvolvimento dessas crianças.



¹⁰ ABA- Análise de Comportamento Aplicada.

¹¹TID- Transtornos Invasivos do Desenvolvimento

2013 – Com o lançamento da 5ª edição do DSM, os subtipos dos transtornos do espectro do autismo são eliminados. Os indivíduos são agora diagnosticados em um único espectro com diferentes níveis de gravidade. O DSM-V passa a reunir todas as subcategorias da condição em um único diagnóstico, Transtorno do Espectro Autista – TEA.

2014 – Prevalência – Estima-se que o autismo atinja 1% da população, 70 milhões de pessoas no mundo, sendo 2 milhões no Brasil. O relatório de março de 2014 do ¹²CDC alertou para os novos dados sobre a prevalência de autismo nos Estados Unidos. Este estudo de vigilância identificou 1 em 68 crianças (1 em cada 42 meninos e 1 em cada 189 meninas) com TEA.

2014 – Um amplo estudo realizado na Suécia mostra que fatores ambientais são tão importantes quanto a genética como causa do autismo. Estes fatores não analisados pelo estudo poderiam incluir, segundo os autores, o nível socioeconômico da família, complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e o uso de drogas antes e durante a gravidez. Eles se disseram surpresos ao descobrirem que a genética tem um peso de cerca de 50%, muito menor do que as estimativas anteriores, de 80% a 90%, segundo o artigo publicado no ¹³JAMA. O resultado partiu da análise de dados de mais de 2 milhões de pessoas na Suécia entre 1982 e 2006, e é o maior estudo já realizado sobre as origens genéticas do autismo.

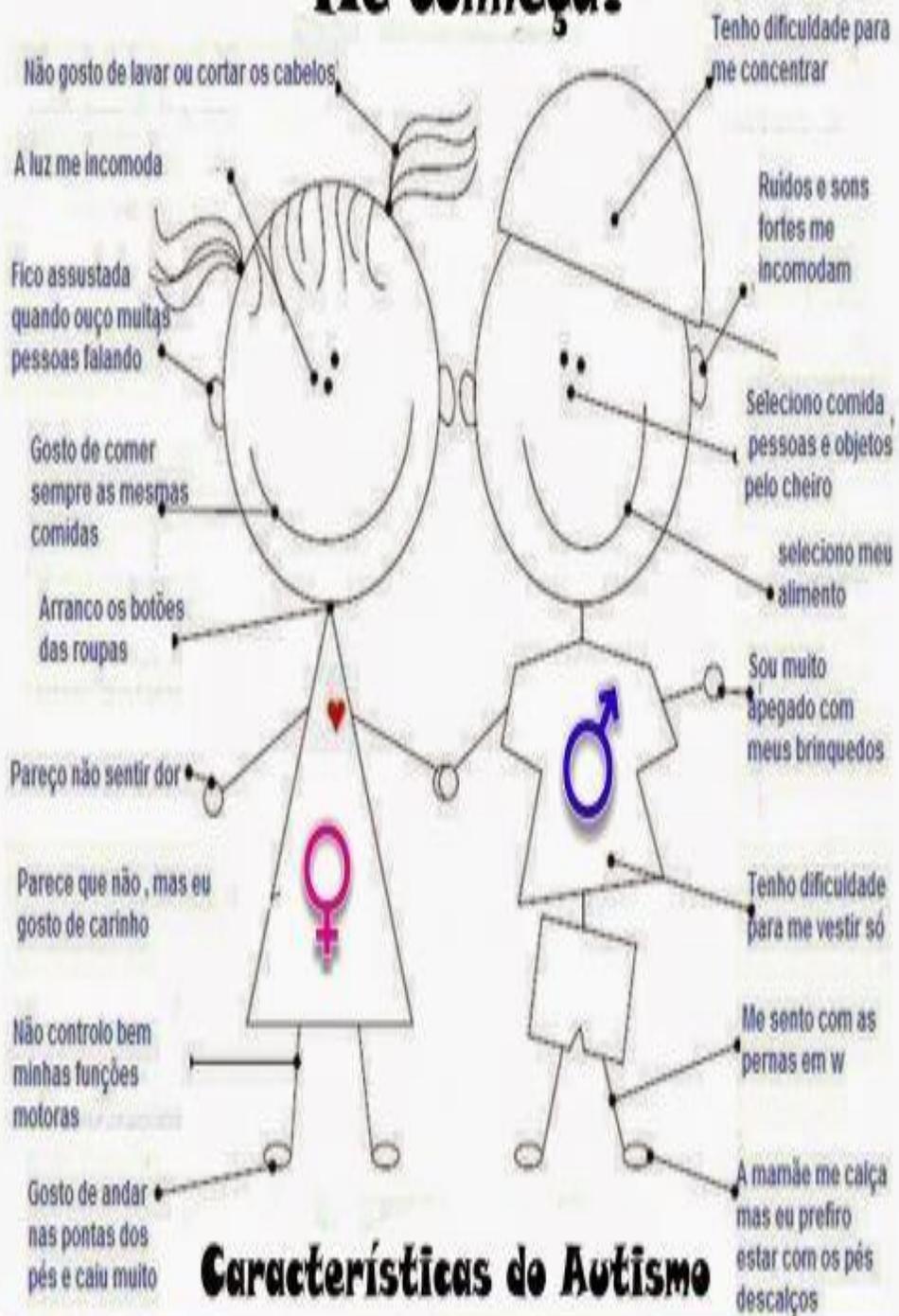
O autismo acomete pessoas de todas as classes com predominância em meninos. Os sintomas podem aparecer nos primeiros meses de vida, mas dificilmente são identificados precocemente. O mais comum é que os sinais fiquem evidentes antes dos três anos. Os sintomas podem ser: ausência completa de qualquer contato interpessoal, incapacidade de aprender a falar, incidência de movimentos estereotipados e repetitivos, deficiência mental, portador voltado para si mesmo, não estabelece contato visual com as pessoas nem com o ambiente; consegue falar, mas não usa a fala como ferramenta de comunicação e tem comprometimento da compreensão.

Em muitos casos, o paciente com autismo tem domínio da linguagem, inteligência normal ou até superior com menor dificuldade de interação social que permite aos portadores levar vida próxima do normal, isso dependera do nível de comprometimento da criança.

¹²CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças)

¹³JAMA - Journal of the American Medical Association

Me conheça!



Características do Autismo

3. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

Apesar dos avanços históricos observados no capítulo anterior, a inserção da criança autista na rede regular como deve ocorrer, ainda é um desejo a ser alcançado.

Cada aluno exige acompanhamento individual, de acordo com suas necessidades e deficiências. Alguns podem necessitar de medicamentos, especialmente quando existem sintomas graves associados.

A inclusão de alunos com necessidades especiais nas escolas de ensino regular pode ser útil tanto para os alunos quanto para as instituições educacionais, pois traz consigo o resgate dos valores e o respeito pela diferença, desenvolvendo assim, a solidariedade e compreensão .

Com base nisso, o ambiente escolar que recebe esses alunos, deve garantir profissionais preparados e estrutura escolar, para que eles sejam atendidos adequadamente, de modo que venha a ajudar no desenvolvimento de cada um, a criança autista, não deve ser isolada dos demais colegas “normais”, ou ser tratado de modo que os afaste dos outros, pois tal isolamento/separação irá agravar mais ainda os sintomas, a criança com necessidades especiais, mas necessita ter contato com outras pessoas, deve ser educada com os limites e restrições impostos as outras, mas claro que de acordo como as limitações de cada um.

“A educação de alunos com necessidades educativas especiais incorpora os princípios já comprovados de uma pedagogia saudável da qual todas as crianças podem beneficiar, assumindo que as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades da criança, em vez de esta a ter de se adaptar a concepções predeterminadas, relativamente ao ritmo e à natureza do processo educativo”. (V.A. Ana Paula. Apud, DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, P.7)

A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista nas classes comuns da rede regular de ensino. Os especialistas dão algumas orientações de como proceder com um paciente com autismo, dentre eles: 1ª Todos os envolvidos em casa precisam de atendimento e orientação de

¹V.A. Ana Paula.

especialistas, pois ter em casa uma pessoa com formas graves de autismo pode representar um fator de desequilíbrio para toda a família; 2ª É fundamental descobrir um meio ou técnica que possibilitem estabelecer algum tipo de comunicação com o autista. Autistas têm dificuldade de lidar com mudanças, por isso é importante manter o seu mundo organizado e dentro da rotina.

O material pedagógico também precisa ser apropriado para as pessoas com autismo, sendo de preferência, concreto e bastante visual que ajudem o professor no decorrer das explicações. A seguir há algumas sugestões na prática pedagógica para alunos com transtornos autistas:

- Estabelecer com aluno uma relação de segurança e confiança;
- Comunicação clara do professor, pois a pessoa com autismo de compreensão do que é dito;
- Incentivar a comunicação do aluno (através de figuras)
- Respeitar a dificuldade do aluno com autismo, mas trabalhar respeito, regras e limites para com todos.

Portanto, a inclusão de crianças autistas na escola regular municipal necessita de planejamento e ações criteriosas, visto que a mesma não trabalha apenas com um tipo de realidade, sendo a partir dessa realidade contemplada pelo contexto em que a escola está inserida e que recebe o aluno autista que é possível oferecer uma orientação adequada, promovendo o suporte inclusivo necessário à realidade individual de cada aluno atendido.

Partindo do ponto da realidade individual de cada aluno autista, para que haja o processo inclusivo escolar contínuo, é necessário o desenvolvimento do trabalho da sala de recursos. O MEC lançou a implantação da sala de recursos multifuncionais nas escolas com o objetivo de ofertar o auxiliar do atendimento educacional especializado para a prestação de serviços complementares aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades que se encontravam matriculados nas classes comuns do ensino regular. O professor especializado da sala de recursos trabalha para identificar as dificuldades e as habilidades apresentadas pela criança atendida, uma forma de sondagem, para em seguida elaborar um planejamento que realize um atendimento com os recursos necessários. A sala de recursos fica instalada na escola inclusiva, não é uma sala de aula regular, ela deve atuar em horário oposto para atender os alunos de modo a complementar seus saberes.

Se faz necessário juntamente com o AEE, que o educador se capacite cada vez mais, sendo consciente que sua formação é, e deve ser contínua, mesmo que haja em sala um cuidador capacitado, o professor também tem a obrigação de saber comunicar-se com seu aluno, logo, não há roteiro pronto de como o professor deva agir frente aos problemas que podem ocorrer, são necessárias leituras sobre a educação inclusiva e o público com que trabalha em sala de aula, levando em conta as particularidades em que está inserido.

Certamente deveria haver mudanças não só curriculares, mas fundamentalmente nas atitudes que diz respeito às pessoas envolvidas neste processo. (VACHIM, Fernanda Apud NASCIMENTO, 2017)

Por fim, não mais importante, mas necessário, atentar para a importância da sala de recursos multifuncionais do AEE, para os alunos com necessidades especiais, com o objetivo de desenvolver competências e habilidades do alunado ao, no artigo 3º e 5º da Resolução CNE/CEB nº004/2009.

4. CONCLUSÃO

Depois de leituras e pesquisar constantes e acima de toda vivencia, foi possível visualizar que há mais coisas envolvidas no termo inclusão do que as belas palavras na teoria.

Para ter uma educação de qualidade, é preciso infraestrutura adequada, corpo docente qualificado, para isso é necessário que exista ações governamentais compromissada com esse processo de mudanças e adaptações, onde haja disponibilidade de verbas, valorização e qualificação da comunidade escolar, especialmente de professores e corpo técnico da escola. Da mesma forma é necessário que a sociedade aprenda a conviver com a diversidade humana, através da compreensão e cooperação para que ocorra realmente a chama inclusão.

Hoje tenho um pouco do conhecimento a respeito da situação vivenciada pelas pessoas com TEA na sociedade, principalmente aqueles que frequentam os espaços escolares e outras locais sociais. O tema tem levado pessoas interessadas à pesquisas voltada para o estudo do modo de vida da pessoa com TEA/autismo, a despertar grandes perguntas em torno da formação acadêmica. Algumas destas indagações estão voltadas para como políticas desenvolvidas podem melhorar a inclusão de alunos com deficiência nas redes regulares de ensino. Quais metodologias e procedimentos pedagógicos estão sendo postos em práticas de forma que garanta a inclusão dessas crianças em meio aos demais alunos proporcionando uma educação justa, de modo que, desenvolva ações educacionais que proporcione ao aluno com TEA à participação e atuação em ações construtivas dentro e fora do espaço escolar.

É importante dar a devida importância a família, pois o apoio familiar através do acompanhamento do aluno dentro e fora do espaço escolar, torna-se mais que necessário para o crescimento educacional e social do mesmo, uma vez que, a família é considerada o primeiro grupo social do qual o aluno tem contato e do qual dependerá para ser inserido a outros grupos sociais.

5. REFERÊNCIAS

- Autismo na escola: pontos e contrapontos na escola inclusiva. Disponível em<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/autismo-na-escola-pontos-contrapontos-na-escola-inclusiva.htm#capitulo_6> acessado em 28/11/2018 as 18:04
- Brasil escola. A criança autista na escola regular. Disponível em<<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-crianca-autista-na-escola-regular.htm>> acessado em 28/11/2018 às 12:40
- Cursos IPEDA. Algumas características do autismo. Disponível em <<https://www.iped.com.br/materias/psicologia/caracteristicas-autismo.html>> acessado em 05/11/2018 as 8:30
- O que é autismo. Instituto Pensi. Disponível em <<https://autismo.institutopensi.org.br/informe-se/sobre-o-autismo/o-que-e-autismo/>> acessado ao 10/11/2018 as 9:35
- V.A. Ana Paula. A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista nas classes comuns da rede regular de ensino. Disponível em<<https://jus.com.br/artigos/42693/a-inclusao-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista-nas-classes-comuns-da-rede-regular-de-ensino>> acessado em 28/11/2018 às 14:30
- VALLE, Leonardo. Mães de alunos com autismo relatam desafios para acessar a escolas públicas. Disponível em<<https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/maes-de-alunos-com-autismo-relatam-desafios-para-acessar-a-escola-publica/>> acessado em 20/11/2018 as 14:45